SINAIS, MARCAS E ENCONTROS[1]. TRAJETOS E INTERSEÇÕES ENTRE AS ARTES, A PARTICIPAÇÃO-AÇÃO[2] E A INVESTIGAÇÃO

Paula Guerra
Universidade do Porto

Resumo

A problemática da exclusão social em relação aos jovens tem sido uma das áreas de investigação mais proeminentes no campo das ciências sociais. Vários têm sido os estudos que refletem as várias modalidades de marginalidade avançada, quer em termos políticos, económicos, geográficos, sociais e culturais; contudo, poucos têm sido os estudos que têm demonstrado o potencial transformador das pesquisas baseadas nas artes enquanto método efetivo de intervenção, e também enquanto veículo de investigação. Com efeito, neste artigo, pretendemos demonstrar a materialização do cruzamento destes dois tópicos, quer do ponto de vista teórico quer do ponto de vista empírico, cobrindo diversos e diferenciados contextos, objetos de estudos e modalidades de investigação-ação contemporâneos.

Palavras-chave: jovens, artes, metodologias baseadas na arte, marginalidade urbana avançada, investigação-ação.

SIGNS, MARKS AND ENCOUNTERS. TRAJECTORIES AND INTERSECTIONS BETWEEN ARTS, PARTICIPATION-ACTION AND RESEARCH

Abstract

The issue of social exclusion in relation to young people has been one of the most prominent research areas in the field of social sciences. There have been several studies that reflect the various modalities of advanced marginality, whether in political, economic, geographic, social and cultural terms; however, there have been few studies that have demonstrated the transformative potential of arts-based research as an effective method of intervention, and also as a vehicle for research. Indeed, in this article, we intend to demonstrate the materialization of the crossing of these two topics, both from the theoretical and the empirical point of view, covering several and differentiated contemporary contexts, objects of studies and research-action modalities.

Keywords: *youth, arts, art-based methodologies, advanced urban marginality, action-research.*

1 Agradeço à Ana Oliveira, à Sofia Sousa e à Susana Januário a presença sensível e sistemática nestes trajetos e intersecções. Dedico-lhes estas reflexões.

2 O conceito de participação-ação aqui utilizado tem como mote os contributos de Renn et al. (2012).

1. Da marginalidade avançada à ação amplificada

Para a escrita deste artigo, foram decisivas as interseções entre o último livro de Machado Pais (2020) e o Plano de Ação para as Comunidades Desfavorecidas da Área Metropolitana do Porto (2021). Este encontro consubstanciou-se no desvendamento fulgurante das seguintes asserções: a agremiação e a potenciação da cultura e dos seus ativos patrimoniais face ao desenvolvimento territorial plural e plurifacetado; a identificação e a demonstração dos benefícios sociais, históricos, políticos, sociais e de bem-estar da cultura quando associada a projetos de aprendizagem social e de intervenção social; e ainda, a adoção do princípio da integração e da consolidação do papel da cultura na inovação e no fomento do sentido de lugar, de pertença e de justiça social.

Assim, inspirados por um lastro de pesquisas que se têm vindo a adensar desde meados dos anos 1990 (Karkou & Glasman, 2004; Sharp et al., 2005; Jeannotte, 2010; Ferrer-Fons et al., 2022), propomos a apresentação de uma abordagem/análise reflexiva e crítica através e sobre um conjunto de projetos de investigação que têm como denominador comum a intervenção social em territórios e junto de segmentos populacionais tidos como desfavorecidos. O principal objetivo deste artigo, é o de demonstrar que a arte (práticas artísticas) possui um papel determinante na capacitação e no empoderamento juvenil, bem como evidencia e incentiva a lógicas de participação cívica (Blumenfeld-Jones, 2016). Assim, os resultados aqui apresentados, referem-se à discussão de três projetos científicos, bem como às suas iniciativas de participação-ação e de investigação-ação assentes na art-based-research (ABR), cujo principal intuito é o de demonstrar as potencialidades do uso da arte enquanto método de investigação e de intervenção social.

Nos últimos anos, a exclusão social e a marginalidade avançada (Wacquant, 2001) intensificaram-se muito na sequência da crise económica de 2008. Neste cômputo, as desigualdades agravaram-se, especialmente no que diz respeito às vulnerabilidades na habitação e/ou zonas desfavorecidas e à multiplicação das problemáticas dos atores da exclusão, nomeadamente os jovens.

Desde os anos 1990 que a academia tem vindo a colocar a exclusão social no pedestal das suas abordagens. Reeves et al. (2019) defendem, hoje, uma aproximação fenomenológica à exclusão marcada dialogicamente pelas representações de quem a investiga, mas também pela visão e/ou sentimentos de quem a vivencia (Saunders, 2015). Cada vez mais se assume a relevância de análises que compreendam o contexto em que estes problemas sociais surgem. De acordo com Guerra (2022a), a juventude pode ser encarada como o resultado das encruzilhadas da modernidade tardia, isto é, como o fruto de um vasto conjunto de condições sociais, urbanas, políticas e económicas que são, também elas, espaços de incertezas, de invisibilidade, de riscos e de marginalidade.

Na verdade, o conceito de juventude tem estado no âmago de vários estudos poliédricos da e sobre a exclusão: o crime a delinquência (Jensen & Rojek, 1998); as vivências habitacionais de exclusão social (Guerra, 2022b; MacDonald & Shildrick, 2007); as perspetivas de inclusão social (Flannery & Huff, 1999); a pedagogia crítica (Santos & Guerra, 2017); as pesquisas baseadas nas artes (Knowles & Cole, 2008); a cultura inclusiva (Feixa-Pàmpols & Pais, 2020); a justiça social e o planeamento urbano (Freytes & Cross, 2011). E esse foco na juventude possivelmente é subsidiário da perspetiva de Pais (2020) que ainda tende a encará-la como sendo a força motriz das sociedades, uma vez que, em tempos de crise, são os jovens que, frequentemente, lideram a reinvenção das sociedades, por via das artes e da criatividade. Logo, a criação e a prática artística, nada mais são do que o cimento indiscutível entre espaço, ambiente e atores sociais.

Deste modo, este artigo será estruturado em quatro secções: uma secção introdutória, onde apresentámos os objetos de estudo e objetivos do artigo, a par de conceitos como o de exclusão social e o de juventude; uma fração dedicada ao papel da arte e das práticas artísticas na investigação sociológica, com especial enfoque nas metodologias ABR; subsequentemente, patentearemos três segmentos, onde, em cada um deles, discutiremos os projetos científicos em análise, os seus contributos e as especificidades; por fim, na última secção, exibimos algumas pistas conclusivas e reflexivas.

2. Artes, ação e reação. O potencial investigativo do *amor* por um (não-)objeto

A recordação da exposição "Às artes, cidadãos!" organizada e patente no Museu de Arte Contemporânea de Serralves entre novembro de 2010 e março de 2011 por ocasião das comemorações do Centenário da República, reavivou-nos a relevância de que a temática da intervenção pelas artes (Leavy, 2019) tem tido nos últimos anos particularmente quando falamos de ativação de cidadania (Smirnova & Poluektova, 2022; Campos, 2023), e nesse sentido, não podemos deixar de evidenciar a relevância da metodologia baseada nas artes (ABR) (Miettinen et al., 2019; Knowles & Cole, 2008; McNiff, 2012; Jokela et al., 2015). Este tipo de metodologia assenta no princípio da participação e da colaboração dos cidadãos na elaboração de artefactos artísticos enquanto meios de compreensão das complexas estruturas sociais (McNiff, 2012) e, além disso, é um método que pode ser caracterizado pela sua eficácia no que diz respeito à criação de soluções para problemas que emergem em contextos periféricos, nomeadamente bairros sociais ou comunidades alvo de exclusão social, estigma e preconceito, em termos de objetivos e público-alvo, como iremos ver mais à frente.

A tónica é colocada no esforço coletivo, permitindo o surgimento de formas inovadoras de conhecimento e de intervenção; tendo sido este um eixo que pautou a nossa intervenção e atuação nos três projetos. Então, antes de avançarmos, considerámos importante apresentar – ainda que brevemente – os projetos aqui em análise. Começando com o "O Bairro é Nosso", este diz respeito a um conjunto de workshops artísticos que foram realizados no Bairro do Cerco do Porto, sob a égide do projeto CANVAS[3]. O projeto CANVAS e, por conseguinte, os workshops "O Bairro é Nosso", estavam direcionados para a intervenção junto de jovens NEET (Guerra et al., 2022), com idades entre os 18 e os 35 anos, bem como serviam o propósito da prevenção em ação, no sentido em que pretendiam atuar na redução de sentimentos de insegurança e na delinquência juvenil, no Bairro do Cerco. Paralelamente, apresentámos o projeto "Os Leixões das Memórias", um projeto que também possuía uma componente artística, e cujo território de intervenção era o Conjunto Habitacional Bairro dos Pescadores em Matosinhos. O principal objetivo deste projeto era o de potenciar a memória individual e coletiva dos pescadores, tendo como ponto de partida uma prática e intervenção artística. Por fim, apresentámos os contributos do projeto "Artcitizenship", enfatizando o caso específico das Wiki Editoras LX: um grupo ativista feminista que colaborou com o projeto em diversas ocasiões. As Wiki Editoras visam explorar dimensões menos visíveis da participação feminina, explorando o tópico das artes da cidadania, ao passo que combinam a escrita com o design.

Deste modo, a partir da breve apresentação dos projetos em análise, obtemos o mote para a defesa do ideal da intervenção pelas artes enquanto forma de empoderamento (Barton & Davis, 2018) dos indivíduos, pois a cooperação em comunidade desempenha, no escopo destes três projetos, um papel essencial, uma vez que este tipo de intervenções foram pensadas e aplicadas, tendo em mente a criação de meios que façam com que os indivíduos assumam o controlo das situações de vulnerabilidade (Belfiore, 2002) em que se encontram (vivencial, social, económica, política e cultural) e, acima de tudo, que possam refletir sobre os processos de intervenção que lhes são apresentados – não numa perspetiva atomística, mas comunitariamente solidária. Logo, a força destas criações artísticas é grupal: mede-se pela sua capacidade de expressar problemas, anseios, soluções – em linguagem artística – tradutores do entrecruzamento dialógico entre identidades individuais e coletivas (Miettinen et al., 2019; Jones et al., 2013).

3 Projeto CANVAS – Towards Safer and Attractive Cities: Crime and Violence Prevention through Smart Planning and Artistic Resistance, apoiado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização COMPETE 2020 e do financiamento de projeto POCI-01-0145-FEDER-030748.

Portanto, a ideia de que a arte é ínsita à cidadania é a pedra de toque destas metodologias, bem como sustenta o argumento deste artigo, a par da pertinência sociológica destes três projetos. Aliás, estas metodologias evidenciam que o exercício da cidadania não se esgota numa política expressiva. A contrário, a cidadania é amplificada pelo uso da dimensão estética como zona decisiva de interação social (Guerra et al., 2022). Simultaneamente, importa referir que associadas às metodologias de intervenção pelas artes, temos uma certa visão utópica da sociedade em geral, e dos jovens em particular, uma vez que as práticas artísticas – e o próprio ato de criação – se regem pelo princípio da fantasia, mas também pelo ideal de (re) construção de um real social imaginado. Aliás, esta é uma das condicionantes desta metodologia, nomeadamente a ocorrência do risco de uma representação utópica das experiências vivenciais (McNiff, 2012). Tal como acontece com os cenários de exclusão que serão aqui retratados, e que possuem uma forte componente territorial, também as utopias nascem de um topos [lugar]. Mais ainda, se nos focarmos nas intervenções que têm como ponto de partida metodológico as artes, podemos cotejar que o busílis das mesmas assenta na superação da realidade vivida, ou seja, é enfatizada a ideia de um topos ideal: um aspeto dificilmente alcançável e que, desse ponto de vista, pode ser visto e interpretado como uma das limitações das metodologias baseadas nas artes (McNiff, 2012), bem como pode ser uma das fragilidades dos outputs obtidos no âmbito dos projetos aqui em análise. Mantendo em mente esta ideia, aqui seguimos de perto os contributos de Bourdieu (1996), uma vez que o autor mostra as potencialidades heurísticas da livre troca criativa de perspetivas, realçando que:

> O amor da arte, como o amor, mesmo e sobretudo o mais louco, sente-se fundado no seu objeto. É para se convencer de ter razão em (ou razões de) amar que recorre com tanta frequência ao comentário, essa espécie de discurso apologético que o crente dirige a si próprio e que, além de ter pelo menos como efeito redobrar a sua própria crença, pode ainda despertar e convocar os outros para a mesma crença. É por isso que a análise científica, quando é capaz de trazer à luz do dia aquilo que torna a obra de arte necessária, ou seja, a fórmula informadora, o princípio gerador, a razão de ser, fornece à experiência artística, e ao prazer que a acompanha, a sua melhor justificação, o seu alimento mais rico (Bourdieu, 1996:17).

Com efeito, Bourdieu e Haacke (1994) defenderam que um dos principais erros das ciências sociais diz respeito a uma relação incontrolada que o pesquisador mantém com seu objeto de estudo, ignorando tudo aquilo que a visão do objeto deve à posição ocupada pelo investigador no espaço social e no interior do próprio campo científico, e com isso prejudicando seu desvendamento e seu tratamento adequado (Guerra, 2020). O mesmo se passa com as pesquisas inspiradas pelas artes, onde a posicionalidade – quer de quem cria como de quem analisa a criação – depende e é influenciada pela posição social ocupada. Deste modo, torna-se possível destacar alguns aspetos que vão ao encontro daquilo que procurámos fazer com a elaboração deste artigo, isto é, combater uma divisão entre teoria e pesquisa empírica; na medida em que, tendencialmente, alguns projetos de investigação tendem a adotar uma atitude exacerbadamente teórica; e outros projetos de intervenção social tendem a desenvolver uma pesquisa empírica sem referência às questões teóricas. No nosso caso, procurámos combinar estas duas realidades fazendo da sociologia e da arte parceiras epistemológicas de conhecimento acerca da realidade contemporânea.

3. Afinal, o Bairro é nosso!

A cultura e a arte, no escopo geral destes projetos, emerge como um meio de fortalecimento de laços e redes de parceria, junto de indivíduos, coletivos e famílias em situação de maior vulnerabilidade económica e social. Nesse sentido, aqui apresentámos um projeto multidisciplinar que visava combinar os conhecimentos de áreas como a geografia e a sociologia, e que teve como foco de intervenção jovens NEET – jovens que não estudam, não trabalham e não se encontram em formação – no

Bairro do Cerco do Porto, como já referimos previamente. Para o efeito, foi realizada a iniciativa "O Bairro é Nosso!", no Bairro do Cerco do Porto, iniciativa essa que procurou ser uma espécie de prevenção em ação, focada no estabelecimento de parcerias entre grupos comunitários locais, tais como o OUPA! Cerco, promovendo a multidisciplinaridade, ou seja, a colaboração entre investigadores e grupos/artistas locais, e a inclusão social de jovens NEET (Guerra et al., 2022).

Na verdade, podemos referir que os membros do grupo OUPA! atuaram nas iniciativas enquanto mentores artísticos, a par de outros artistas locais convidados, tais como o $tag One, NTS, Eky One, entre outros. No âmbito desta iniciativa foram realizados um conjunto de workshops dedicados à música (hip-hop) e à arte urbana (graffiti), que contaram com a participação de jovens NEET e de jovens institucionalizados, com idades entre os 18 e os 35 anos, e de múltiplas nacionalidades (Portugal, Angola, Colômbia, Brasil, Marrocos e Sudão). O objetivo principal era o de prevenir e contrariar a ideia geral de que o território em questão, é apenas um palco de violência e a insegurança, bem como se pretendia atuar na prevenção da delinquência juvenil. Com este projeto era nosso intuito fomentar uma lógica de prevenção-ação, afeta aos sentimentos de insegurança referentes ao bairro do Cerco, bem como reduzir os sentimentos de exclusão e de estigmatização sentidos pelos jovens residentes ou oriundos de bairros sociais (Guerra & Sousa, 2022).

Perpassou esta iniciativa uma lógica de promoção do intercâmbio de vivências, de experiências e de conhecimentos dos jovens, tendo como ponto de partida a música, a escrita criativa e o graffiti como forma de expressão individual e coletiva. A iniciativa culminou com uma mostra final na Faculdade de Letras da Universidade do Porto com o intuito de descentralizar as atividades do contexto de atuação; promovendo, assim, novas experiências e olhares. Mais ainda, estes workshops também se cimentaram numa lógica de participação-ação (Renn et al., 2012), isto aplicado ao caso da equipa de investigadores que participaram nos workshops em conjunto com os jovens, desenvolvendo relações interpessoais e de proximidade que, posteriormente, foram utilizadas na análise e interpretação dos dados empíricos e nos produtos artísticos obtidos (ver Figuras 2), isto porque considerámos que quer a música quer o graffiti ou a escrita criativa, podem ser vistos como uma forma de pedagogia crítica (Sousa et al., 2022). Vejamos abaixo um excerto da música que foi produzida pelos jovens que participaram no workshop de música (ver Figura 1):

O bairro é nosso
E a street também
O respeito é importante
E a união a gente tem.
(Workshop Cypher, "O Bairro é Nosso", 2021).

Figura 1. Imagem do primeiro dia do Workshop de Cypher, no Bairro do Cerco do Porto, durante a iniciativa "O Bairro é Nosso", em 2021
Fonte: Projeto CANVAS.

Figuras 2. Imagens da realização do graffiti na associação OUPA!
Fonte: CANVAS.

Um dos maiores desafios vivenciados no quadro de desenvolvimento deste projeto foi o da utilização da arte como instrumento de recolha de informação e de análise. As ABR, neste contexto, permitiram o acesso a particularidades vivenciais que, provavelmente, através do uso de metodologias tradicionais, tais como as entrevistas, não seriam tão facilmente obtidas. Em termos de limitações, podemos referir as dificuldades de envolvimento e de participação por parte dos investigadores, isto porque se tratava de uma prática artística – criação e produção musical – que não era praticada pela equipa. Paralelamente, os dados obtidos através da metodologia ABR foram complementados com a utilização de uma metodologia qualitativa, nomeadamente com a realização de entrevistas semiestruturadas aos jovens e aos mentores artísticos[4]. Além disso, foi também uma ferramenta importante na apresentação e discussão de dados noutros contextos académicos e não-académicos.

Belliveau (2015), entre outros autores, argumenta que a investigação baseada nas artes serve para estudar a arte, mas também o processo de criação artística, colocando este último sob a consideração de uma interpretação textual que tem questões associadas, tais como objetivos, processos e significados (Guerra et al., 2022). Assim, foram analisadas as temáticas que foram abordadas pelos jovens durante o processo de criação musical, mas também o processo de criação coletivo, especialmente ao nível das interações, comportamentos e dificuldades sentidas por parte da equipa de investigação em se relacionar com os jovens participantes.

4. O *self*, o meio e os *outros*. Jovens, inovação social e sentimentos de pertença afetivos espacializados

São vários os fatores que contribuem para o surgimento de comportamentos de risco por parte dos jovens – precariedade habitacional, problemas familiares, precariedade económica, falta de apoio social e educativo, etc. – , sendo que se torna fundamental compreender e perspetivar novas formas de promoção de um desenvolvimento saudável e positivo (Matos & Tomé, 2012), sendo aqui que entra em jogo necessidade da inovação social em projetos de investigação.

Em contextos desfavorecidos é extremamente importante a criação de projetos que fomentem a resistência e/ou resiliência dos jovens – e da comunidade como um todo – , no sentido em que essa mesma se assume como um meio de adaptação às dificuldades vivenciais que vão surgindo, bem como se afirma enquanto um fator de resistência que, por seu turno, possibilitam novas formas de posicionamento social. É a partir deste mote da

Figura 3. Parte do Mural Os Leixões das Memórias, localizado no Bairro dos Pescadores, em Matosinhos, realizado pela população em conjunto com o artista Miguel Januário
Fonte: Projeto Os Leixões das Memórias.

4 Outro *output* que se inscreve na metodologia ABR materializa-se na realização de uma curta-metragem, apoiada na utilização de técnicas como o *storytelling*, sobre a história de vida de Ricardinho, o responsável pelo grupo OUPA. A curta-metragem está disponível para visualização aqui: https://www.youtube.com/watch?v=kJzvticxcJY&ab_channel=ProjetoCANVAS

resistência/resiliência e da adaptação das comunidades que introduzimos o projeto "Os Leixões de Memórias"[5].

Este projeto vai ao encontro de um dos eixos de intervenção prioritários da AMP (2021), uma vez que o mesmo procurou soluções inovadoras – baseadas nas artes e na cultura – para dar resposta aos problemas complexos com que se defronta a comunidade do Bairro dos Pescadores, tais como o desemprego de longa duração, precariedade habitacional, baixos níveis de escolaridade, entre outros; implicando novas formas de organização e de ação coletiva, baseadas/informadas nas artes e na memória individual e coletiva, privilegiando as redes locais e a articulação entre diferentes instituições e níveis de governação (Associações de Solidariedade Social, Grupos informais, Associações Recreativas e a Câmara Municipal de Matosinhos).

Com base no Diagnóstico Social de Matosinhos, constatamos que as freguesias de Matosinhos e Leça da Palmeira, e em particular o Bairro dos Pescadores, apresentavam como principais vulnerabilidades: elevadas taxas de desemprego, baixos níveis de escolaridade e de rendimentos familiares. Estas vulnerabilidades geram, frequentemente, sentimentos de incapacidade/desvalorização e de baixa autoestima/inutilidade social que, a médio e longo prazo se concretizam em situações de exclusão/marginalização e isolamento social – particularmente experienciadas pelos jovens, estando aqui patente a noção de marginalidade avançada (Wacquant, 2004).

O foco de inovação social deste projeto, residiu no aproveitamento artístico e criativo da forte dimensão identitária do bairro, assente na cultura marítima/piscatória, e suas manifestações socioculturais, e na história do Leixões Club. Assim,

Figura 4. Convite para a exposição dos Álbuns de Família
Fonte: Projeto Os Leixões das Memórias.

desenhamos – em conjunto com a comunidade – todo um conjunto de atividades capazes de mobilizar, de valorizar e de dar visibilidade aos conhecimentos, recursos, vivências, histórias e memórias dos residentes jovens (e não jovens) do bairro para promover a sua autoestima, combatendo situações de exclusão e sentimentos de inutilidade, e também para gerar fontes de rendimento/valor económico que permitam melhorar as condições de vida desta população. Falámos da Álbuns de Famílias de Pescadores, os Podcasts dos Aficionados, a Caderneta de Cromos, o Jogo de Tabuleiro Matosinhos Terra de Mar e Pescadores, os Painéis Comunitários (ver Figura 3) e o Documentário. Tal como no projeto anteriormente apresentado, a criação, a prática e o produto artísticos foram por nós utilizados enquanto técnica de investigação, uma vez que a equipa de investigadores utilizou estes elementos para obter informações que, tradicionalmente, seriam obtidas através do uso de entrevistas semiestruturadas.

Neste caso, a arte (ou as artes) emergiu como uma alavanca para dar relevo às memórias (Ver Figuras 3 e 4), recursos e representações dos moradores do bairro, concretizando o seu potencial enquanto ferramenta de inclusão e de reforço da autoestima de uma população que tende a ser estigmatizada (Jokela et al., 2015). Mais ainda, a arte cristalizou-se na criação do projeto, quando nos apercebemos de que o Bairro dos Pescadores é, na verdade, um repositório de histórias e memórias, que tantas vezes ficam por contar, e de saberes, quase sempre invisibilizados. Isto articula-se

5 *Os Leixões das Memórias* é um projeto integrado no Programa Bairros Saudáveis segundo a Resolução de Conselho de Ministros 52-A/2020. Tem como entidade promotora a Aventura com Carisma – Associação e como instituição parceira a Faculdade de Letras da Universidade do Porto através do IS-UP. O projeto desenvolveu-se particularmente no Conjunto Habitacional Bairro dos Pescadores em Matosinhos entre 2020 e 2022.

com a ideia de Lopes (2016), de que a arte pode desempenhar um papel de arquivo.

Logo, a arte emergiu como um meio de revivificação e de valorização, resgatando o direito destas pessoas à expressão das suas representações (Kusenbach, 2003), reconhecendo e divulgando o seu papel na história da cidade e na construção da sua identidade (Belfiore, 2002). E foram muitos os artefactos e manifestações lúdico-artísticas construídos.

5. O virtual como (novo) espaço de direito à cidadania

De acordo com Brooks (2006), a resiliência é um fenómeno de natureza ecológica, que se desenvolve através da interação entre vários contextos que compõem a vida social dos indivíduos, quer seja na estrutura familiar, nas comunidades (Amin, 2005) ou nas relações de pares. Quando esta tessitura relacional se quebra, desagregam-se também as possibilidades de cidadania. Assim, o projeto "Artcitizenship" [6] preconizou como conhecimento basilar a participação juvenil contemporânea as artes da cidadania.

Através deste projeto pretendia-se dar resposta à seguinte questão: Em que medida, num contexto de crescente crise institucional do sistema democrático e de descrédito das instituições políticas, são a criatividade e as práticas estéticas um recurso relevante para a agência política e cívica da juventude contemporânea na defesa de certas causas minoritárias, alternativas ou disruptivas? A resposta a esta questão esteve na origem do desenvolvimento das atividades deste projeto, designadamente num conjunto de ações artísticas e interventivas que buscavam perceber em que medida as práticas criativas servem para ampliar a noção de política e de cidadania através de canais alternativos e não institucionais; buscando perceber quais as práticas, os produtos estéticos e os circuitos culturais que são empregues em processos de comunicação, de reflexão, de contestação ou de resistência no âmbito do ativismo juvenil (Barton & Davis, 2018).

Um caso exemplar de abordagem foi a iniciativa Wiki Editoras LX[7]: um projeto que tem como foco o ativismo feminista e intersecional na Internet a partir da edição de páginas da Wikipédia. O grupo, desde 2019, tem promovido uma série de iniciativas, tais como as Editatonas (ver Figura 5) – Maratonas de Edição da Wikipédia – que têm tido como cenário a cooperativa PENHAS CO, em Lisboa. Desde o surgimento das Editatonas que realizamos observação etnográfica participante efetivando – juntamente com as Wiki Editoras LX – a edição de páginas de mulheres ausentes da Wikipédia negras, migrantes, indígenas, rurais, ciganas, LGBTQIA+, entre muitas outras.

O projeto das Wiki Editoras distancia-se em termos de abordagem dos dois anteriores. Por um lado, falámos aqui de um projeto que não contou com a participação de uma equipa de investigação na sua concretização, ou seja, os investigadores do Artcitizenship colaboravam com as Wiki Editoras numa lógica tradicional: aplicação de técnicas qualitativas de recolha empírica. Contudo, decidimos destacar este projeto pelo facto de estas mulheres adotarem uma abordagem ativista – no campo digital – utilizando a arte, mais especificamente o design, enquanto forma de resistência e de contestação da invisibilidade das mulheres na Wikipédia. Desse ponto de vista, as ABR, neste contexto, foram utilizadas com o intuito de obter um insight acerca da realidade da Wikipédia, numa lógica de perceção das lutas pela justiça social.

As Wiki Editoras LX encaram esse novo agora digital como um espaço de exclusões e de marginalidade (Wacquant, 2004), no qual o género feminino se assume como o principal alvo de invisibilidade. Em suma, a arte (e o artivismo) neste contexto, emergem como um complemento de atuação, no sentido em que os verbetes da Wikipédia

6 O projeto *ArtCitizenship – Juventude e as artes da cidadania: práticas criativas, cultura participativa e ativismo*, com a referência Projeto/Contrato: 28655, foi liderado pelo CICS-NOVA – Universidade Nova de Lisboa em parceria com o IS-UP. Decorreu entre 2017 e 2021 e foi financiado pela FCT.

7 Disponível em: https://meta.wikimedia.org/wiki/Wiki_Editoras_Lx

são criados e posteriormente divulgados nas redes sociais, cujo objetivo é o de conferir relevo aos feitos, conquistas e triunfos das mulheres nas sociedades desde o início das sociedades modernas, contrariando, assim, a sua invisibilidade (ver Figura 6).

Figura 5. Cartaz da primeira Editatona, em 2019, realizada no âmbito do Festival Feminista de Lisboa
Fonte: Tila Capelletto, criadora da Editatona.

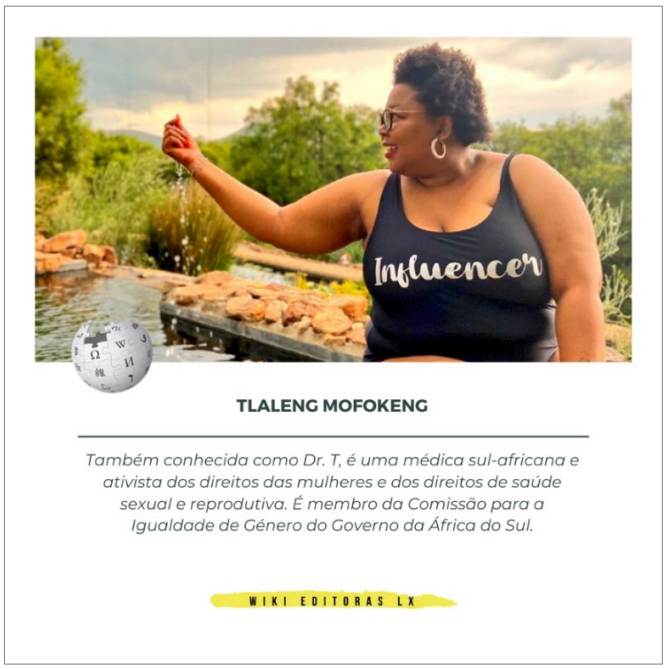

Figura 6. Verbete de Tlaleng Mofokeng, criado pelas Wiki Editoras Lx
Fonte: Wiki Editoras Lx.

6. Retrospetiva. O futuro é agora.

Os jovens – particularmente os que habitam áreas desfavorecidas ou de marginalidade urbana avançada – são um tópico que em Portugal ainda se assume como um foco de atenção, quer por parte do sistema político quer do campo académico, artístico e cultural.

Na verdade, aquilo que pretendemos aferir com a elaboração deste artigo, é que este fenómeno ainda se assume como extremamente relevante, uma vez que tem vindo a ser objeto de invisibilidade, inexistência ou desadequação das políticas públicas. Paralelamente, também foi nosso interesse demonstrar algumas das potencialidades, bem como constrangimentos, da utilização das ABR no caso específico de três projetos de investigação. O primeiro e o segundo projetos, numa vertente de intervenção/atuação direta por parte das equipas de investigação e, no terceiro, numa lógica de entendimento da potencialidade do uso da arte – e das ABR – para refletir sobre modos de contestação e dinâmicas de justiça social. Em todos estes projetos, compreendemos que os jovens – e as comunidades – encontraram nas artes, nomeadamente na música, na dança, na fotografia, no graffiti, entre outras, um pretexto para resistirem a imposições político-sociais. Contudo, não podemos deixar de ressalvar o paradigma de que esses atos de resistência e de resiliência, partem de uma perspetiva utópica acerca da realidade o que, no caso da investigação baseada em metodologias ABR, pode constituir um obstáculo à intervenção social, pois as perspetivas idealizadas distanciam-se, por vezes, em larga medida, da realidade vivenciada e mesmo das oportunidades de mudança social.

Não poderíamos terminar este pequeno ensaio sem referir as autoaprendizagens das investigadoras que organizaram e participaram nestes projetos. Além de demonstrarmos que as ABR são uma saída metodológica eficaz quanto à recolha e análise de informação – assumindo-se como uma ferramenta complementar e essencial face às técnicas e metodologias tradicionais (qualitativa e quantitativa) – , apercebemo-nos o quanto os jovens (e não só) possuem a capacidade de mudar

o mundo (Pais, 2020). Porém, também não podemos deixar de enfatizar as dificuldades que foram sentidas, tais como dificuldades relacionadas com dinâmicas de interação[8] com os jovens que participaram dessas iniciativas artísticas aqui enunciadas. Por outro lado, também se assume como uma dificuldade o facto de a equipa de investigadores poder não estar tão familiarizada com algumas práticas artísticas, por exemplo, produção musical versus fotografia. Estes condicionamentos práticos também podem dificultar o processo metodológico e de análise dos dados. Por fim, outro obstáculo ou condicionante que podemos enunciar relaciona-se com as dificuldades no processo de análise dos materiais artísticos produzidos e obtidos, algo que se relaciona com a ideia de posicionalidade do investigador que Bourdieu e Haacke (1994) nos referem.

Referências Bibliográficas

Amin, A. (2005). Local community on trial. Economy and Society, 34 (4), 612-633.

Área Metropolitana do Porto (2021). Plano de Ação para as Comunidades Desfavorecidas da Área Metropolitana do Porto. Disponível em: http://portal.amp.pt/media/documents/2022/01/28/PACD_AMP_Aprovado.pdf

Barton, A. & Davis, H. (2018). From empowering the shameful to shaming the empowered: shifting depictions of the poor in 'reality TV'. Crime Media Culture, 14 (2), 191-211.

Belfiore, E. (2002). Arts as a means towards alleviating social exclusion: does it really work? – A critique of instrumental cultural policies and social impact studies in the UK. International Journal of Cultural Policy, 8(1), 91–106.

Belliveau, G. (2015). Research-based theatre and a/r/tography: Exploring arts-based educational research methodologies. P-e-r-f-o-r-m-a-n-c-e, 2 (1–2). Available at: http://www.p-e-r-f-o-r-m-a-n-c-e.org/?p=1491

Blumenfeld-Jones, D.S. (2016). The artistic process and arts-based research: a phenomenological account of the practice. Qualitative Inquiry, 22(5): 322–333.

Bishop, C. (2012). Artificial hells: Participatory art and the politics of spectatorship. London: Verso.

Bourdieu, P. & Haacke, H. (1994). Libre-échange. Paris: Editions du Seuil.

Bourdieu, P. (1996). As regras da arte. Lisboa: Editorial Presença.

Brooks, J. (2006). Strengthening Resilience in Children and Youths: Maximizing Opportunities through the School. Children & Schools, 28, 69-76.

Campos, R. (2023). Art and citizenship: Practices and discourses of young artivists in Portugal. European Journal of Cultural and Political Sociology. DOI: 10.1080/23254823.2023.2234967.

Feixa-Pàmpols, C. & Pais, J.M. (2020). Perseguindo os ventos do tempo: Jovens, passados compostos e futuros possíveis. Revista Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura, 3(1), 10–22.

Ferrer-Fons M, Rovira-Martínez M & Soler-i-Martí R. (2022). Youth empowerment through arts education: a case study of a non-formal education arts centre in Barcelona. Social Inclusion, 10 (2), 85-94.

Flannery, D.J & Huff, R.C. (1999). Youth violence. Prevention, intervention, and social policy. Washington, DC: American Psychiatric Press.

Freytes, A. & Cross, C. (2011). Overcoming poor youth stigmatization and invisibility through art: A participatory action research experience in Greater Buenos Aires. Action Research, 9, 1, 65-82.

Guerra, P. (2022a). From the Borders and Edges. Youth cultures, Arts, Urban Areas and Crime Prevention. In M. Saraiva (ed.). Urban Crime Prevention. Multi-disciplinary Approaches (pp.75-95). London: Springer.

Guerra, P. (2022b). Romper com a fragilidade: Do bairro para o mundo. CesContexto Debates, 32, 36-50.

Guerra, P. (2020). Cidade, pedagogia e rap. Quaestio – Revista de Estudos em Educação, 22 (2), 431-453.

Guerra, P. (2019). Nothing is forever: um ensaio sobre as artes urbanas de Miguel Januário ±MaisMenos±. Horizontes Antropológicos, 28(55), 19-49.

Guerra, P. & Sousa, S. (2022). Dreaming is not enough. Audiovisual methodologies, social inclusion, and new forms of youth biopolitical resistance. Frontiers in Sociology, 7, 1020711. doi: 10.3389/fsoc.2022.1020711

Guerra, P.; Sousa, S. & Lopes, R. (2022). Make the World Yours! Arts-Based research in Action in the Cerco do Porto Neighbourhood. In M. Saraiva (ed.). Urban crime prevention. Multi-disciplinary approaches (pp.305-326). London: Springer.

Jeannotte, M. S. (2010). Singing alone? The contribution of cultural capital to social cohesion and sustainable communities. International Journal of Cultural Policy, 9 (1), 35-49.

Jensen, G.F. & Rojek, D.G. (1998). Delinquency and youth crime. Long Grove, IL: Waveland Press.

Jones, S.; Hall, C.; Thompson, P. (2013). Re-presenting the 'forgotten estate': participatory theatre, place and community identity. Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education, 34(1), 118–131.

Karkou, V. & Glasman, J. (2004). Arts, education and society: the role of the arts in promoting the emotional wellbeing and social inclusion of young people. Support for Learning, 19 (2), 57-65.

Knowles, G.J. & Cole, A.L. (2008). Handbook of the arts in qualitative research: Perspectives, methodologies, examples, and issues. London: Sage.

8 Isto devia-se, sobretudo, ao facto de o título de "investigadora" ser perspetivado como uma posição de poder. Contrariar esta representação também se assume como um processo moroso.

Kusenbach, M. (2003). Street phenomenology: the go-along as ethnographic research tool. Ethnography, 4 (3), 455–485.
Leavy, P. (2019). Handbook of arts-based research. London: Routledge.
Lopes, M. M. (2016). Body storytelling and the performance of memory: Arts-Based-Research and human enhancement. International Conference on Distributed, Ambient, and Pervasive Interactions, 257-269. https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-39862-4_24
MacDonald, R. & Shildrick, T. (2007). Street corner society: Leisure careers, youth (sub)culture and social exclusion. Leisure Studies, 26(3), 339–355.
McNiff, S. (2012). Opportunities and challenges in art-based research. Journal of Applied Arts & Health, 3 (1), 5-12.
Matos, M.G. & Tomé, G. (eds.) (2012). Aventura social: Promoção de competências e do capital social para um empreendedorismo com saúde na escola e na comunidade. Lisboa: Placebo Editora.
Miettinen, S.; Sarantou, M. & Kuure, E. (2019). Design for care in the peripheries: Arts-based research as an empowering process with communities. Nordes: Nordic Design Research, 8, 1-11.
Murie, A. & Musterd, S. (2014). Social exclusion and opportunity structures in European cities and neighbourhoods. Urban Studies, 41(8), 1441-1459.
Pais, J.M. (2020). Jóvenes y creatividad: Entre futuros sombrios y tempos de conquista. Spain: Moelmo SCP.
Reeves,L. S. , Parsell, C., Liu, S. (2019). Towards a phenomenology of poverty: Defining poverty through the lived experiences of the 'poor'. Journal of Sociology, 1-16.
Renn, O. , Reichel, A. & Bauer, J. (Eds.) (2012). Civil Society for Sustainability. A guidebook for connecting science and society. Bremen: Europaeishcher Hochschulverlag.
Saunders, P. (2015). Closing the Gap: The growing divide between poverty research and policy in Australia. Australian Journal of Social Issues, 50(1): 13–35.
Sharp, J. , Pollock, V. & Paddison, R. (2005). Just Art for a Just City: Public Art and Social Inclusion in Urban Regeneration. Urban Studies, 42 (5-6). https://doi.org/10.1080/00420980500106963
Smirnova, A., & Poluektova, N. (2022). Social arts for recognition: Sociological perspectives on arts and youth identities. In Bos, E. & Huss, E. (Eds.). Using Art for Social Transformation (pp. 130-143). London: Routledge.
Sousa, S.; Farina, T. & Guerra, P. (2022). Turning life into art and art into a way of life. A cross-country perspective about art-based research, critical pedagogy and social intervention. Education Sciences & Society. Rivista Semestrale, 13 (1), 68-90.
Wacquant, L. J.D. (2001). Os condenados da cidade: Estudos sobre marginalidade avançada. Rio de Janeiro, Editora Revan.

Paula Guerra é doutorada em Sociologia pela Universidade do Porto. É Professora no Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e Investigadora Integrada no Instituto de Sociologia da mesma Universidade (IS-UP) e de outros centros de investigação internacionais.
ORCID 0000-0003-2377-8045.
Contacto: pguerra@letras.up.pt

Artigo recebido no âmbito da chamada aberta que decorreu até 21 de julho. Aprovado para publicação a 18 de dezembro de 2023.